

Cadernos

letra e ato

Um homem comum: uma análise de *Nossa vida em família*

Rafael de Souza VILLARES¹

Resumo: A personagem Sousa vivencia uma situação de descaso familiar, mas que também é um reflexo das políticas públicas que não preparam o homem para uma velhice tranquila. Nesse sentido, *Nossa vida em família* se apresenta como um retrato fiel da sociedade, ao denunciar o descaso sofrido pelos idosos no Brasil.

Palavras-chave: Oduvaldo Vianna Filho; classe média; idosos; família.

O processo de criação

No ano de 1970, Vianinha escreveu dois textos, baseados no filme norte-americano *A cruz dos anjos* (1936) de Leo Carey. O primeiro foi apresentado na Rede Globo de televisão, no programa *Casos Especiais*, em co-autoria com Paulo Pontes e Ferreira Gullar, com o título *Domingo em família*, encomendado pela atriz Eva Tudor. O segundo é teatral, escrito individualmente no mesmo ano com o título *Nossa vida em família*. Após estes dois trabalhos, Vianinha ajudou o diretor Paulo Porto na adaptação cinematográfica da peça teatral intitulada *Em família* (1971).

A peça *Nossa vida em família*, como foi dito, foi construída primeiramente como um episódio do programa *Casos especiais*. Em uma entrevista publicada em 1973, pelo jornal *O Globo*, Vianna Filho apresenta algumas reflexões sobre seu trabalho desenvolvido junto à televisão. Ao falar sobre o programa em questão, Vianinha se mostrou muito contente com o projeto ao alegar que os *Casos especiais* abordavam temas que não eram explorados por outros programas, tais como o telejornal. Dessa forma, o dramaturgo viu a possibilidade de

¹ E-mail: rafavillares@hotmail.com. Formado em História pela UNESP/Assis, mestre em Artes da Cena pela UNICAMP e Aluno de doutorado também em Artes da Cena (UNICAMP).

ampliar os horizontes de discussões sobre diversos aspectos da sociedade brasileira dentro da televisão.

Para Oduvaldo Vianna Filho (1973) os *Casos especiais* se tornavam ainda mais interessantes por apresentar nova linguagem cênica, ou seja, para ele o programa apresentado na TV mostrava uma nova concepção estética. Na mesma entrevista concedida ao *Globo*, o dramaturgo sublinhava que os *Casos especiais* se mostravam como uma alternativa à teledramaturgia e ao teleteatro, uma vez que misturava a linguagem teatral com a de cinema, sendo específica para a televisão. Nesse sentido, o leitor de *Nossa vida em família* deve sentir essa nova estética, pois a peça deixa, algumas vezes, aspectos da teatralidade se aproximando da linguagem televisiva ou cinematográfica.

O processo de criação de *Nossa vida em família* mostra a versatilidade de Oduvaldo Vianna Filho, que escreve tanto para teatro, cinema e televisão. Contudo, esta versatilidade não foi encarada positivamente por todos. Uma parcela considerável da sociedade brasileira encarou seu trabalho na televisão com certo preconceito, pois consideravam sua produção como uma propaganda política da ideologia comunista. Já para os militantes da esquerda, Vianinha havia se “vendido” ao sistema capitalista, representado em parte pelos veículos de televisão, e em especial a TV Globo.

Na década de 1970 a televisão e, principalmente, a TV Globo, amparada pelo governo militar, se intensificou como o grande veículo de comunicação do Brasil. A contratação de artistas e intelectuais de gabarito pela emissora fez com que ela garantisse uma programação de qualidade, que anos mais tarde seria fundamental para delimitar o chamado *Padrão Globo de qualidade*. Segundo Sérgio Mattos:

A consolidação da TV Globo como Rede Nacional começou em 1969, quando seus programas passaram a ser transmitidos simultaneamente em várias cidades através de microondas. Em 1971, a Rede Globo (...) planejou a publicidade e adaptou programas para diferentes gostos, adequando cada um deles aos resultados das pesquisas socioculturais. Em 1972, com o estabelecimento da televisão colorida no país, a Globo consolidou de vez sua liderança no mercado. (MATTOS, 2002, p. 96)

A TV também funcionou como um aparato ligado ao regime militar. No decorrer das décadas de 1960 e 1970, essa era a maneira mais eficaz de divulgação e de estímulo ao consumo, diretamente ligada à política liberal que estimulava a entrada de capital externo, a liberação de crédito fácil aos novos consumidores.

A adesão de muitos artistas e intelectuais (como Vianinha) se deu por meio da visão que possuíam do novo aparelho. Eles viram na televisão uma nova possibilidade de

trabalho, consideravam a TV como uma oportunidade de atingir as massas com uma programação nacional, ou seja, o antigo desejo de construir uma (tele)dramaturgia nacional-popular. Não desejavam apenas uma vida mais estável financeiramente, mas também “a possibilidade de atingir o ‘grande público’, levando mensagens progressistas, mesmo que estas convivessem, em situações desvantajosas, com o *merchandising* de produtos, a censura e autocensura”. (FREDERICO, 1998, p. 295)

Em uma entrevista publicada no Jornal *O Globo* e anexada ao livro publicado por Fernando Peixoto (1983), Vianna Filho faz uma análise das suas posições em relação ao seu trabalho televisivo. Para ele há uma diferença em relação ao público: pois o espectador teatral está predisposto a assistir a uma encenação, já o telespectador que se encontra em casa está muitas vezes disperso e, sendo assim, o trabalho na teledramaturgia tem que ter uma agilidade maior para “prender” o espectador nas primeiras movimentações cênicas, diferentemente do teatro, que pode ter um tempo maior. Para o autor esse foi um desafio muito positivo e motivador para a sua criação artística.

Vianinha ressalta também a questão da linguagem, alegando que a dinâmica televisiva é mais complexa do que a do teatro, pois na televisão usam-se menos pessoas do que no palco, então os diálogos tornam-se mais intensos e mais frequentes. Além disso, ele destaca que a linguagem falada é mais cotidiana, fato que torna ainda mais complexo e interessante o trabalho do autor de TV.

Em sua penúltima entrevista concedida a Luís Werneck Vianna (também publicada por Fernando Peixoto em 1983), Vianna Filho volta a falar sobre a televisão. Nessa entrevista, o dramaturgo pontua aspectos interessantes ao justificar seu trabalho na TV, ao utilizar em seu argumento a questão da nacionalização. Para tanto, ele recorre a uma pesquisa realizada nos EUA que mostra que praticamente o mundo inteiro assistia, no horário nobre, as produções norte-americanas. Dessa forma, Vianinha mostra que o Brasil é uma exceção, pois dedica seu melhor horário à produção nacional. Sendo assim, o autor brasileiro deveria dedicar-se às produções televisivas, que eram tão valorizadas pelo público.

Para Oduvaldo Vianna Filho:

O problema da TV não é o que ela exhibe, é o que ela deixa de exhibir. Este problema foge à ossada decisória da própria TV. A omissão fatural da grande realidade é uma constante de todos os meios de comunicação. No plano da informação, portanto, a televisão não tem autonomia decisória. (PEIXOTO, 1983, p. 172)

Para o dramaturgo o problema dos meios de comunicação, mais especificamente da televisão, não estava relacionado à sua programação, mas sim aos acontecimentos que ela deixava fora, portanto ocupá-la seria a melhor maneira de torná-la mais interessante (artisticamente, socialmente e até mesmo politicamente). A principal crítica feita por Vianinha tangencia o caráter difusor da TV, que propagava certos valores sociais e até mesmo religiosos.

Além dos argumentos apontados acima, não se deve esquecer que a família de Vianinha esteve ligada ao rádio. Seu pai além de dramaturgo foi um dos principais autores de rádio novela e sua mãe teve durante anos um programa na rádio chamado *Papinho da Dona Genoveva*. Dessa forma, não viam a TV com preconceito, pois a enxergavam como uma “evolução” do aparelho difusor de áudio.

O problema central

A crítica social sempre foi uma das principais preocupações de Vianna Filho, desde o início de sua carreira, quando escreveu sobre os problemas enfrentados pelos jogadores de futebol da segunda divisão do campeonato, ou quando expôs os problemas enfrentados pelos operários constantemente explorados ou pela condição precária vivida pelo trabalhador rural.

O leitor/espectador atento perceberá com facilidade que a peça *Nossa vida em família* apresenta como fio condutor e objetivo central uma crítica social. Mesmo que não esteja tão evidente, o principal problema que conduz o enredo é o baixo poder aquisitivo da maioria da população brasileira. Neste caso, exemplificado pela família Sousa, que se depara com o problema financeiro enfrentado pelo casal de velhos Dona Lu e seu Sousa.

Na trama o casal de velhos convoca seus filhos para uma reunião familiar, para informá-los que a casa, em que vivem, sofreu um reajuste no preço do aluguel. Sendo assim, os idosos, impossibilitados de arcar com a conta mensal, optaram por pedir ajuda financeira aos filhos. Este fato traz à tona a falta de acesso à casa própria, comum ainda hoje. Por sua vez esta se apresenta como um reflexo do baixo poder aquisitivo da população. Na peça isso se torna mais evidente, pois, com exceção de Neli, os outros filhos não possuem moradia própria.

Além disso, pode-se compreender também que tal condição se dá por existir grande ganância dos proprietários, que cobram preços abusivos ao alugar seus imóveis. As grandes incorporações imobiliárias são responsáveis em parte pela valorização desses imóveis, ao usar o artifício da chamada “especulação imobiliária” – que prevê a valorização dos bens

por meio de alguma transformação, tais como a construção de obras, uma nova administração política, o recebimento de algum título ou premiação, entre outros.

Na obra de Vianna Filho, o casal de idosos mora na cidade de Miguel Pereira, interior do estado do Rio de Janeiro. No momento em que *Nossa vida em família* foi escrita, esse município havia vivenciado sua formação recentemente, há apenas dez anos. O histórico dessa cidade se torna interessante para afirmar a qualidade de vida que o casal de velhos possuía ao morar num município que, por não ter sofrido a exploração da cafeeira, teve seu patrimônio ambiental preservado. Segundo o site oficial da prefeitura, Miguel Pereira recebeu o título de terceiro melhor clima do mundo para se viver.

Nas entrelinhas pode-se alegar que o histórico do município escolhido como cenário inicial da trama é responsável pelo aumento considerável do preço do aluguel, afinal, morar no terceiro melhor clima do mundo poderia justificar a cobrança abusiva da mensalidade. Porém, na peça o aumento do aluguel é visto sob o prisma pessoal, ou seja, não aparece como um mecanismo da “especulação imobiliária”, uma vez que a casa, dos idosos, foi alugada por quarenta contos, um preço muito inferior ao verdadeiro valor do imóvel, pois o antigo proprietário, seu Rodrigues, devia muitos favores a Sousa.

Sousa explica para seus filhos que com a morte de Rodrigues a casa alugada pelos velhos foi para espólio, e, com a instauração da lei do inquilinato, a única maneira de continuarem a morar na propriedade seria pagar o aluguel com o valor atualizado de oitocentos e vinte e nove contos mensais. Mais que o triplo da renda total dos velhos, que é composta apenas pela aposentadoria de Sousa (duzentos e trinta contos).

Com isso, Vianinha aborda outro problema enfrentado pelos idosos: a questão da inflação, que corrói os salários, e principalmente, a aposentadoria. Existe um descompasso causado entre a inflação galopante no Brasil nos anos de 1970 e a condição da aposentadoria, que permanece congelada, colocando os idosos numa condição de marginalidade. No programa do espetáculo o dramaturgo situa este conflito dizendo:

No mundo da mercadoria, que vale exatamente um velho, senão umas visitas de domingo, a lembrança do aniversário e piadas na televisão? O tesouro de sua experiência, seu equilíbrio, seu amor à vida são inutilizados. *Em família* não é um estudo desses fenômenos. É um pequeno flagrante, colhido quase ao acaso: mais um flagrante, uma pequena manchete sobre pessoas que estão deixando fora o que há de mais precioso em nós e nada podem fazer para impedi-lo. (MORAES, 2000, p. 296)

Neste sentido, o encontro na casa dos pais evidencia também uma grande fragilidade familiar. Durante essa cena pode-se notar como existe um distanciamento entre

os pais e os filhos, uma vez que fica evidenciado que os filhos quase nunca vão à casa de seus pais e também quase não se encontram. A falta de estrutura familiar não é vivida apenas pelo casal de protagonistas, mas, por meio da peça, apresenta-se como uma normalidade entre as famílias brasileiras.

Afonsinho, um amigo de Sousa, afirma não manter contato constante com seus três filhos, sendo que um deles mora há dois quarteirões de distância de sua casa. Em um diálogo travado entre os dois velhos, eles chegam à conclusão de que gostariam de terem vivido na Roma Antiga, em que os idosos eram vistos como os sábios, por terem maior experiência de vida, e por isso eram valorizados (sendo, por exemplo, responsáveis pela política).

Os velhos avançam no assunto e chegam à conclusão de que o descaso social tido com os idosos é responsabilidade, em certa parte, da invenção da imprensa, uma vez que esta assume o lugar da oralidade. Apesar dessa conversa possuir um conteúdo extremamente sério, ou seja, a desvalorização dos idosos na “sociedade moderna”, ele se dá de forma sutil em meio a diversas piadas feitas pelos velhos.

Afonsinho e Sousa formam uma dupla cômica próxima daquela vista na arte circense. A opção de Oduvaldo Vianna Filho de transformar a dupla de velhos em palhaços torna os diálogos menos trágicos e cansativos, pois são dinâmicos e engraçados. Para Mário Fernando Bolognesi (2003), as cenas feitas por palhaços são concebidas por uma estrutura geralmente formada por dois palhaços: um principal e outro secundário. Em *Nossa vida em família*, Sousa assume o papel de palhaço principal, aquele que finaliza as piadas, ou seja, é ele quem faz rir. Já Afonsinho assume a função do *partner* ou do palhaço secundário. Para Bolognesi (2003), este último é: “quem opera como contraponto preparatório às piadas e *gags* do palhaço principal. Ele também é chamado de escada”. (BOLOGNESI, 2003, p. 62) Cabe exemplificar a posição assumida por cada uma das personagens no seguinte diálogo:

SOUSA: ...é... mas veio o Gutemberg, inventou a imprensa, a experiência agora está nos livros... saímos de moda.

AFONSINHO: O jeito é escrever um livro de putaria aí, Sousa.

SOUSA: Vou escrever, vou escrever um chamado “Como viver sem utilizar-se da Piroca”. (VIANNA FILHO, 1972, p. 90)

A amizade entre Sousa e Afonsinho é permeada de humor. Durante o decorrer da relação, a dupla vai apresentando diversas formas de piadas. Elas variam de duplo sentido (aquelas de apelo sexual), principalmente quando falam de seus genitais ou quando

analisam uma vizinha que troca de roupa com a janela aberta; passando por piadas mais ingênuas, tais como quando utilizam o termo “demorandum” para dizer que o *memorandum* estava demorando. Também transformam seus problemas de saúde, como o descontrole intestinal ou a impotência sexual, em piadas. Mariângela Alves de Lima, em seu artigo, *Todos os elementos são bons neste espetáculo em família*, publicado no *O Estado de S. Paulo*, no dia 28 de abril de 1972, diz:

Suas personagens vivem através de um diálogo cotidiano, informado apenas pela filosofia do bom-senso. O senso de humor, antes de ser um recurso de dramaturgia, é uma reprodução de um comportamento habitual: a piada evita que mergulhemos de cabeça na tragédia.

Para a crítica teatral do *O Estado de S. Paulo*, o humor na peça de Vianinha apresenta, além da função estética e de auxiliar na construção realista das personagens, uma função formal. Neste sentido, Mariângela Alves de Lima propõe uma leitura brechtiana da peça de Vianna Filho, uma vez que para Brecht o humor servia como um artifício para romper o tom trágico adotado em suas peças e levar o espectador a uma consciência crítica, não se deixando levar pelas emoções.

Segundo Anatol Rosenfeld (2008), entre os recursos utilizados pelo dramaturgo alemão Bertolt Brecht, em seu teatro épico, está a paródia. Este recurso é utilizado por Brecht como uma alternativa (consciente) para expor o desajuste entre forma e conteúdo. Nesse sentido, segundo Rosenfeld (2008), para o dramaturgo alemão a piada serve como uma forma de levar o espectador/leitor a uma consciência crítica. Para ele as piadas tornam-se estranhas, num primeiro momento, ou seja, há um instante de incompreensão por parte do ouvinte, mas esta vem seguida de um choque de compreensão.

Independente da função formal ou da intenção do dramaturgo, o fato é que a dupla de velhos é responsável por trazer o humor ao palco e quebrar com o ritmo trágico muitas vezes adotado pelo *status quo* do casal de velhos. Dessa forma o humor suaviza a tensão (constante) causada pelo problema central: a desapropriação da residência.

A solução imediata proposta pelos filhos, durante a reunião na casa de seus pais, é separar temporariamente o casal de idosos. Como os filhos alegam não dispor de finanças para manter o casal de velhos na residência ou para adquirir outra, eles decidem que Sousa irá morar na cidade de São Paulo na casa de Corinha, e dona Lu vai para o Rio de Janeiro morar com Jorge. Depois de um período de distância entre o casal, os dois morarão juntos com Neli até que os filhos consigam um novo local para eles. Essa temporária separação

do casal foi proposta por Neli, que pediu dois meses para conversar com seu marido sobre seus pais morarem com eles.

A complexidade do problema enfrentado pela família Sousa se torna ainda mais intenso pela vivacidade das personagens. Ao longo da obra teatral o espectador/leitor conhece, nas entrelinhas, o passado e as experiências vividas pelas personagens. Além disso, tanto os filhos como os pais possuem profunda construção interna, ou seja, são personagens vivas que mantêm ao longo da peça sua personalidade, suas convicções, seus conflitos internos e, principalmente, suas contradições.

Um homem comum: Seu Sousa (velho)

O patriarca da família possui um passado completamente ético. No desenrolar da trama o espectador/leitor conhece um pouco de sua história. Sousa sempre foi um homem batalhador, trabalhou para sustentar sua família composta por sua esposa e cinco filhos. Sendo que nunca se deixou levar pela ganância, ou seja, buscou em toda sua trajetória viver de forma simples. Seu interesse sempre esteve ligado ao fato de não prejudicar as outras pessoas.

Um exemplo dessa postura adotada pelo velho, contada por sua esposa dona Lu, mostra que Sousa não desempenhou um novo negócio, porque não conseguia enganar os outros. Segundo a velha, seu marido, com dinheiro emprestado de seu Rodrigues, abriu uma oficina para consertar rádios quebrados, e revendê-los depois. O velho não conseguia comprar os rádios usados por valores muito inferiores aos vendidos no mercado, seguindo a lógica de Sousa, ele pagava o preço justo. Fato que segundo dona Lu fez o negócio não dar certo.

A posição ética adotada por Sousa aparece também em pequenas coisas do cotidiano. Na reunião familiar, Beto (um dos filhos) conta uma piada que envolve uma falha gramatical, na qual o aluno Zezinho fala para sua professora a palavra “cabeu” ao invés de “coube”. Como castigo por cometer esse erro o aluno é obrigado a escrever quarenta vezes a forma correta numa folha de papel, e no final fala para a professora que não “cabeu” as quarenta em uma folha só. Neste quadro Sousa interrompe diversas vezes a história contada por Beto, explicando a norma correta de se falar e concordando com a professora. Além disso, o velho diz não achar graça em piadas de falar errado, como na seguinte fala:

Piadas de falar errado não me fazem a menor moça; lá em São Paulo vocês falam “me dá um chopos”, não é “me dá um chopos”,

é “me dá um chope”... Vocês falam “vou me trocar”, vai se trocar por quem?... vou trocar de roupa, isto que... (VIANNA FILHO, 1972, p. 13)

Na piada contada por Beto, o riso é gerado por uma falha linguística, que foge da norma “adequada”, esperada pelo ouvinte. Neste caso, o sujeito que ri conhece o termo correto e ri daquilo que está fora do padrão estipulado. Segundo Ivo Bender:

Para que o riso se manifeste é necessário que o sujeito que ri tenha uma certa ideia do que seria correto na área dos valores morais ou, simplesmente, daquilo que seria justo no que diz respeito a uma natureza sadia. Ele precisa ter a ideia, mesmo que vaga, ou instinto inconsciente daquilo que é desejável dentro de determinada sociedade. (BENDER, 1996, p. 58)

No caso de *Nossa vida em família*, a piada contada por Beto possui duas funções cênicas. A primeira serve para dar um tom mais suave para a peça, é mais próxima da proposta de Brecht no sentido do descompasso entre forma e conteúdo, uma vez que ela adota um tom humorístico perante uma reunião familiar, no qual o assunto é a desapropriação do imóvel dos velhos. Já a segunda mostra como Sousa possui em sua personalidade grande ética, ao criticar a piada, por “brincar” com a dificuldade de aprendizado de um aluno.

Durante toda a ação teatral é possível perceber que Sousa se apresenta inconformado com sua atual situação como, por exemplo, quando diz:

Não queria que isso acontecesse comigo, não quero que aconteça. Não consigo entender [e sem eu entender nunca deixei acontecer], eu trabalhei, trabalhei à luz do dia, tudo à luz do dia, não acredito que isso aconteceu, se aconteceu quero que minha vida se suspenda agora, congele agora, quero ficar como eu sou, como eu me respeito... (VIANNA FILHO, 1972, p. 22)

O velho se mostra indignado em não conseguir se manter em sua residência, sendo assim passa a questionar sua trajetória e, principalmente, sua posição como trabalhador. Para Sousa sua atual situação não tem explicação, ele não consegue compreender que seu problema é causado por questões que fogem da sua ação enquanto sujeito. Ela é um reflexo da visão que a sociedade brasileira imprime aos idosos, e da ação política dos seus governantes.

O inconformismo de Sousa, a vontade de se manter em sua residência e a possibilidade de ir com sua esposa morar em um asilo motiva-o a procurar por um

emprego. Essa passagem ilustra como o mercado de trabalho é restrito aos idosos. Na sociedade capitalista, com algumas poucas exceções, as pessoas de idade avançada são consideradas incapazes de ocupar qualquer função, por sua debilidade física e por sua desatualização com novas normas propostas pelo mercado empresarial. O único emprego propício ao velho é ser caseiro de um sítio. Neste caso quem não aceita as exigências do empregador é Sousa, uma vez que sua esposa teria que trabalhar de maneira exaustiva. Com isso, nota-se novamente a posição ética de Sousa, que não aceita o trabalho para não prejudicar dona Lu. Sendo assim, as tentativas do velho são frustradas.

De todas as personagens, Sousa é quem mantém uma relação mais subjetiva com a casa. Para ele a perda da residência envolve questões mais profundas do que perder sua moradia. Neste caso, ela envolve uma questão mais subjetiva, perdê-la representa também perder sua dignidade. É interessante pensar que no mundo capitalista você é aquilo que possui, e, neste sentido, Sousa passou a vida toda e não construiu nada sob o ponto de vista material. Isso faz com que ele sinta a perda da residência como a falta de sua dignidade e sente vergonha de sua situação. O velho em sua fúria diz o seguinte:

Queria telefonar pra todas as pessoas e avisar o que aconteceu comigo... cuidado... não sei como se evita isso, mas tenham cuidado... de repente, a gente tem vergonha de ter vivido... e não sabe onde está o erro... na lista telefônica, de um por um; começa pela letra a... cuidado, muita cautela, tenham muita cautela... por favor, tenham muita, muita cautela. (VIANNA FILHO, 1972, pp. 46-7)

A fala acima é representativa para mostrar novamente o pensamento e o descontentamento de Sousa, que não sabe como sua vida se transformou. Ao mesmo tempo em que é reflexiva para a personagem, ela motiva o espectador/leitor a refletir e levantar hipóteses do que pode ter causado isso à personagem. E, dessa maneira, chegar à conclusão de que a forma que os idosos são tratados é um reflexo da ação política-social brasileira, que apresenta as aposentadorias congeladas enquanto a inflação se mantém em pleno crescimento.

O descontentamento de Sousa com o fato de morar de favor na casa de sua filha e não conseguir voltar para sua residência faz com que ele adote uma postura muito agressiva, contrariando suas características: ética e pacífica. O velho rouba duas válvulas que seu genro precisava utilizar, fazendo com que ele e sua filha ficassem boa parte da madrugada procurando tais peças. A justificativa usada por Sousa, para mudança tão radical em seu comportamento, é que sempre ajudou os outros e nunca recebeu nada em troca, e

dessa forma passa a dedicar parte de seu tempo a atrapalhar a vida dos outros para ver o que receberá.

Com o desenrolar da trama, o descontentamento de Sousa se torna cada vez mais intenso. Em suas reclamações, o velho acaba por criticar com veemência a cidade de São Paulo. Dentre as principais críticas, Sousa aponta a questão do clima muito úmido e da poluição, uma vez que constantemente se incomoda com o cheiro exalado pelo rio Tietê. Com isso, Vianna Filho consegue expor de forma discreta diversos problemas socioambientais vividos ainda hoje pela população paulistana como, por exemplo, o trânsito causado por um semáforo quebrado ou a poluição do rio e a péssima qualidade do ar.

É claro que para Sousa a adaptação à nova cidade será muito radical. São Paulo, em 1972, ano em que *Nossa vida em família* foi escrita, já se apresentava como a maior cidade do Brasil, com grande população e com problemas típicos de metrópoles do terceiro mundo (poluição, favelas, desordem no trânsito, etc.). Muito diferente da cidade natal do velho (Miguel Pereira), típica cidade pataca do interior, onde há maior proximidade entre os diversos habitantes, e os problemas sociais não são tão aparentes.

A complexidade da atual situação de Sousa se torna mais aparente a cada cena. Após perder a casa, passa a morar de favor na residência de sua filha, numa cidade completamente diferente da sua de origem e ainda não exerce nenhuma atividade “produtiva”. Mesmo mantendo uma relação de amizade com Afonsinho, o cotidiano de Sousa, em São Paulo, torna-se monótono, por não ter uma ocupação formal e nem uma rotina. Sousa define seu dia-a-dia da seguinte maneira:

Ah, é, parece que tiram o cordão do seu sapato que aperta, desabotoam tua braguilha, arrancam os botões da camisa... a gente fica aliviado mas se segurando todo, meio nu, calça na mão, no norte dizem: a gente fica feito bosta n'água. (VIANNA FILHO, 1972, p. 37)

O cotidiano exposto por Sousa é exemplar de grande parte dos idosos que, por não estarem inseridos no mercado de trabalho, passam diversas horas de seus dias sem nenhuma ocupação. Fato que torna seus dias mais chatos e cansativos. Na peça esta falta de rotina motiva o velho a assumir uma postura mais agressiva. É interessante que, ao mesmo tempo em que a fala acima apresenta um conteúdo de certa forma bem crítico, ao comparar a situação do aposentado com uma “bosta n'água”, apresenta (pelo termo escolhido) também uma sutileza ao passar esse conteúdo de forma humorada.

No desfecho da trama Sousa é a única personagem que não possui a verdadeira consciência da situação do casal. Como Neli não pode ficar com os velhos em sua residência, arrumou uma vaga em um asilo feminino para sua mãe. Por sua vez, Cora aproveita uma pneumonia de seu pai para mandá-lo para Brasília, onde ficará na casa de outra filha, Mariazinha.

Antes da partida de Sousa, os filhos propõem um encontro entre o casal. Para todos, inclusive o público, esta é uma despedida eterna. O único que não sabe que sua esposa vai para o asilo, e que sua viagem para Brasília não é temporária é Sousa. A inocência do velho no final torna a cena mais comovente.

O problema enfrentado pelo casal de velhos envolve uma questão mais social do que uma subjetiva. Isso se dá porque se vê que Sousa foi um homem com uma conduta exemplar, muito trabalhador e extremamente ético. Dessa maneira, Vianinha aproveita para direcionar uma forte crítica ao sistema capitalista, ao apresentar um tipo exemplar de trabalhador que executou de forma correta suas tarefas, mas que no fim de sua vida não tem onde morar. Segundo a teoria do liberalismo econômico, o mundo capitalista é a melhor opção, uma vez que dá a oportunidade para o trabalhador possuir uma vida digna.

Mariângela Alves de Lima no artigo *Todos os elementos são bons neste espetáculo em família*, apresenta esta mesma concepção ao afirmar que:

“Seu” Sousa tem uma culpa – “Honesto, digno e bom”. Três crimes imperdoáveis. Recusou-se a entrar em um esquema competitivo, adaptando-se ao seu salário de arquivista aposentado. Uma renda suficiente para garantir-lhe um irremediável desamparo.

Com ironia Mariângela Alves de Lima aponta três crimes imperdoáveis praticados por Sousa. Esses “crimes” são responsáveis em parte por sua desgraça, mas também é responsável por criar uma grande empatia com o público, que torce por sua vitória e sofre com sua derrota. O final trágico do espetáculo mostra ao espectador que no mundo competitivo qualidades como honestidade, dignidade e bondade não garantem uma vida digna. Oduvaldo Vianna Filho afirma que:

Escrevendo a personagem Sousa, acho que aprendi que preciso não ter medo das derrotas. (...) Uma derrota não significa a falência de nossas convicções, mas, sim, a fragilidade de nossos planos de ataque. Então, é preciso aprimorá-los. (...) Aceitar a força do inimigo com calma, com discernimento, significa conhecê-lo, localizá-lo. Parece que é assim que começam todos os bons planos de ataque. (MORAES, 2000, p. 297)

Ao falar de derrota Vianinha, provavelmente, retoma o contexto do período pré-1964, no qual os militantes políticos de esquerda (como no seu caso) viram-se derrotados frente à onda conservadora que tomou o poder. E mais especificamente pôs fim ao projeto de arte nacional-popular do CPC da UNE.

A fala acima também expõe o conceito de derrota adotado por Vianna Filho e sua concepção em mudar de estratégia para vencer o inimigo. Neste caso a peça *Nossa vida em família* pode ser vista como uma mudança de plano, uma vez que até o golpe civil-militar, o autor direcionava suas obras às classes menos favorecidas de nossa sociedade e neste novo período passa a escrever sobre os problemas enfrentados pela classe média.

O direcionamento de Vianinha para o público de classe média pode ter ocorrido pelo apoio desta aos militares para a concretização do golpe. Alguns setores assumiram um papel de destaque ao colaborarem com a instalação da ditadura, dentre os quais os próprios militares (pertencentes à classe média), alguns grupos religiosos ligados à ala mais conservadora da igreja católica, que organizaram a famigerada *Marcha da Família com Deus pela Liberdade* (1964), e até mesmo os intelectuais responsáveis pelos meios de comunicação.

Sousa é a personagem que traz à tona o debate sobre a condição do idoso e ao mesmo tempo denuncia os inversos valores do mundo capitalista, ou seja, as concepções morais, tais como a ética e o trabalho não garantem um futuro digno e estável. Apesar disso, a personagem não perde seu bom senso de humor e não se esquece de gozar da vida, mesmo que esta esteja derrotada.

Referências bibliográficas:

- BETTI, Maria Silvia. *Oduvaldo Vianna Filho*. São Paulo, Edusp, 1997.
- FREDERICO, Celso. A política dos comunistas. In: MORAES, João Quartim. *História do marxismo no Brasil*. vol. 03. Campinas, Editora da UNICAMP, 1998. pp.275-304.
- JAMBEIRO, Othon. *A TV no Brasil do século XX*. Salvador, EDUFBA, 2002.
- MATTOS, Sérgio. *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. 2. ed. Petrópolis, Vozes, 2002.
- MORAES, Denis de. *Vianinha cúmplice da paixão*. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- PEIXOTO, Fernando. *Vianinha: teatro, televisão e política*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1983.
- ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo, Perspectiva, 2008.
- VIANNA FILHO, Oduvaldo. *Nossa vida em família*. São Paulo, Geprom Editora, 1972.

Resumen: El carácter Sousa experimenta una situación de abandono de familia, pero también es un reflejo de las políticas públicas que no preparan al hombre para una vejez

tranquila. En este sentido, nuestra vida familiar se presenta como un fiel reflejo de la sociedad, denunciando el abandono que sufren las personas mayores en Brasil.

Palabras clave: Oduvaldo Vianna Filho; clase media; personas mayores; familia.